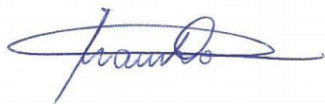
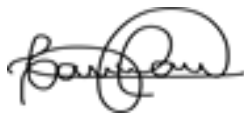


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**EFEITOS DE DIFERENTES TIPOS DE ENTREVISTA NA ACURÁCIA DE
RELATO VERBAL DE CRIANÇAS**

CAMILA DE PAULA FARIA



Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia, sob orientação da Prof.ª Dra. Mariéle Diniz Cortez, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

SÃO CARLOS – SP

2023

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus sinceros e profundos agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para realização desta monografia e, especialmente, para a minha formação como profissional e futura psicóloga.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos participantes e às suas famílias que dedicaram seu tempo e disposição, mesmo após um dia cansativo, para comparecerem nas sessões, tornando possível a coleta dos dados para este estudo. A participação e apoio de vocês foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão do projeto.

Gostaria de estender minha gratidão ao corpo docente do curso de Psicologia por seu conhecimento, orientação e dedicação. As incontáveis aulas, discussões e trabalhos contribuíram para o processo de desenvolvimento deste trabalho e também foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico, pessoal e profissional.

Um agradecimento especial é direcionado ao grupo de pesquisa ao qual me integrei e pude trocar experiências, solicitar suporte, participar de discussões e aprendizados essenciais em meu desenvolvimento como pesquisadora. Agradeço a todos os membros pelo apoio e pela colaboração em todos os encontros. Em especial, minhas amigas e parceiras de turma, projetos de extensão e também construção conjunta de monografia, Joice e Letícia, vocês foram fundamentais em todo o processo, dividindo dificuldades e apoio. Muito obrigada!

Expresso meus agradecimentos ao meu co-orientador, Ricardo Oliveira, que desde o início me direcionou ao unirmos os interesses em psicologia forense e trabalharmos juntos na construção desse projeto. Você foi essencial em muitas definições importantes. Em especial, expresso toda minha admiração e gratidão à minha orientadora, Mariéle Cortez, que com todo seu conhecimento, experiência e profissionalismo me auxiliou com suas orientações sempre certeiras e valiosas. Seu incentivo, flexibilidade e apoio, principalmente em momentos de

dificuldades pessoais, foram o que me fortaleceu nessa jornada e conclusão de trabalho. Toda sua dedicação e carinho nunca serão esquecidos. Muito obrigada!

Agradeço também às minhas amigas de curso, Ana Paula, Julie, Laura, Livia, Rafaela Petrilli, Raphaella Rangel e Sara, que dividiram comigo praticamente todos os momentos que realizar uma graduação em outra cidade pode proporcionar. Obrigada pelo acolhimento em saber que eu sempre estaria no grupo de trabalho de vocês, mesmo antes do professor anunciar qual era a proposta. Obrigada pelos encorajamentos e desabafos de todos os dias. Obrigada pela leveza de tornar meu dia melhor somente com um almoço juntas ou um sorvete da bêjo no intervalo. Obrigada pelas vezes que saímos para uma festa ou nos reunimos na casa de alguém e construímos memórias que serão contadas sempre que a gente se ver. Vocês foram essenciais para que eu enfrentasse todos os desafios dessa etapa da melhor forma possível. Vocês sabem o quanto cada uma é especial para mim. Eu amo vocês e sou grata por fazerem parte da minha vida!

Agradeço de forma muito especial à Gabriela, minha melhor amiga, que foi minha família desde o primeiro dia em São Carlos. Minha companhia em todos os dias de risadas, cansaços, vivências e desabafos. Dividir minha vida com você foi e sempre será uma parte muito importante de quem sou. Eu te amo e também agradeço por me apoiar, cuidar de mim e também por me apresentar pessoas incríveis, em especial, Laura Cavarçan, que fez parte de tantos momentos e me divertiu em todos eles.

Por fim, gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha família. Ao meu cunhado, Rodrigo, por todo incentivo e trocas de experiências. Aos meus sobrinhos, Eduardo, Alice e Cecília, que são minhas maiores alegrias e me deram força para ser exemplo e apoio na vida de vocês. Eu amo vocês infinitamente. Às minhas irmãs, Edilaine e Gisele, sou imensamente grata por ter mulheres tão incríveis ao meu lado desde meu nascimento. Obrigada por cuidarem tão bem de mim e por me apoiarem em todos os momentos de minha trajetória.

Eu amo e admiro vocês! Ao meu pai, Marco, agradeço por ser a figura mais importante na minha tomada de decisão para cursar psicologia e também de grande inspiração. Você sempre enxergou o melhor em mim e me apoiou em tudo. Obrigada por ser esse homem incrível que sempre cuidou tão bem de todas nós e agora, também, das novas crianças da casa. À minha mãe, Bernadete, meu maior exemplo de força, afeto e cuidado, dedico e agradeço todas minhas conquistas. Você é admirável e eu não conseguiria chegar até aqui sem você. Obrigada por todo incentivo, investimento e confiança em mim. Eu amo vocês com todo meu coração e minha vida.

E, por último, mas certamente não menos importante, agradeço a Deus por todas as bênçãos e oportunidades concedidas ao longo desta jornada. As pessoas incríveis que colocou em minha vida foram essenciais para minha força e perseverança diante dos desafios. Sou eternamente grata por me permitir viver com tanto amor e me capacitar todos os dias para construir minha história.

Sumário

Resumo	7
Método	16
Participantes	16
Situação Experimental, Local e Materiais	16
Variáveis Dependentes e Variáveis Independentes	17
Delineamento Experimental.....	18
Procedimento	19
Acordo entre Observadores, Integridade do Tratamento e Análise das Variáveis Independentes entre Juízes.....	22
Resultados	23
Discussão	26

Resumo

Estudos na área de correspondência verbal/não verbal podem ser considerados de grande importância visto que o comportamento de relatar desempenha papel determinante em diversos contextos. O presente estudo deu enfoque ao contexto forense, mais especificamente, às entrevistas investigativas com crianças, e replicou o estudo de Sparling et al. (2011) com o objetivo de investigar, sob uma perspectiva comportamental, os efeitos de diferentes tipos de entrevista (perguntas sugestivas, perguntas repetidas e perguntas com informações de co-testemunhas) sobre a acurácia de relatos de crianças durante uma entrevista. Participaram quatro crianças com idades entre sete e nove anos. As crianças foram submetidas a uma condição de linha de base, que avaliou a acurácia do relato em uma situação de entrevista com perguntas fechadas (respostas do tipo sim ou não) sem a utilização de nenhuma das técnicas de entrevista empregadas no presente estudo. Em seguida, as crianças foram expostas a outras três condições, envolvendo diferentes tipos de entrevistas (perguntas sugestivas; perguntas repetidas e perguntas com informações de co-testemunhas) conduzidas por uma entrevistadora do gênero feminino. Foi empregado um delineamento misto de linha de base múltipla não concorrente entre participantes e tratamento alternado adaptado. Os resultados demonstraram efeitos transitórios dos tipos de entrevista e variabilidade entre os participantes. Os menores índices de acurácia foram observados, respectivamente, em P1 diante das perguntas com informações de co-testemunhas; em P2 nas perguntas sugestivas e em P3 nas perguntas repetidas. O participante P4 manteve-se apresentando altos índices de respostas acuradas em todas as condições experimentais. Esses resultados replicaram, de forma geral, os achados de Sparling et al. (2011), indicando que o efeito do tipo de entrevista pode variar para cada indivíduo. Discutiu-se a necessidade de estudos com delineamento de sujeito único e os possíveis efeitos da implementação remota do procedimento nos dados obtidos.

Palavras-chave: correspondência verbal; crianças; entrevista investigativa; relato verbal.

O comportamento de relatar é utilizado como meio de obtenção de informações relevantes em diferentes contextos como na medicina, quando médicos buscam identificar o diagnóstico de doenças por meio dos relatos dos pacientes sobre seus sintomas, na psicoterapia, em que os psicólogos baseiam suas intervenções na descrição de eventos ou comportamentos do cliente (de Rose, 1997) e no cenário forense, em que o relato de testemunhas pode determinar a sentença de um juiz (Doepke et al., 2003; Sparling et al., 2011). Em todos esses contextos, espera-se que os relatos emitidos sejam correspondentes aos eventos a que se referem, uma vez que relatos não correspondentes podem levar a consequências prejudiciais tanto para o próprio indivíduo que relata (e.g., prescrição incorreta de um medicamento; a aplicação de uma intervenção psicoterápica inapropriada) como para outros indivíduos (e.g., absolvição de um criminoso ou a condenação de um inocente). Nesse sentido, investigar empiricamente quais variáveis ambientais podem produzir relatos acurados e quais podem distorcer relatos torna-se importante para a melhor compreensão desse fenômeno e prevenir a ocorrência de tais consequências prejudiciais (Cortez et al., 2019).

No contexto forense, o relato verbal é, muitas vezes, um fator determinante para a resolução de processos judiciais. Assim, quanto mais acurados e detalhados forem os relatos das testemunhas envolvidas, maiores serão as chances de desfechos elucidativos (Stein & Ávila, 2018). Erros de testemunhas em identificar suspeitos ou em relatar acuradamente o que ocorreu em um crime ainda contribuem para condenações de pessoas inocentes (Davis & Loftus, 2018). Com relação, mais especificamente, ao relato de testemunha de crianças (i.e., a capacidade de crianças descreverem acuradamente suas experiências prévias), tal tópico foi foco de diversas pesquisas no início dos anos 1980, logo após o sucesso midiático de uma série de casos nos Estados Unidos em que crianças alegavam ter sido abusadas por seus cuidadores (Brown & Lamb, 2015). Após intensa investigação e pesquisa, foi elucidado que tais acusações foram construídas durante os procedimentos de depoimento em que as crianças eram

submetidas a condições coercitivas e a perguntas sugestivas. Tais acontecimentos deram origem à ciência do testemunho, que tem por objetivo estudar os fenômenos relacionados ao testemunho e desenvolver práticas baseadas em evidências científicas que minimizem a ocorrência de tais erros (Davis & Loftus, 2018).

Nesse sentido, iniciou-se um esforço de diferentes frentes de pesquisa em vários países para a construção de protocolos de entrevista forense para a obtenção de relatos de crianças, que foram adaptados para diversos países e idiomas, inclusive para o Brasil. A Entrevista Cognitiva (Fisher e Geiselman, 1992; Stein & Memon, 2006), a técnica “PEACE”, adaptada para crianças (Stein, Pergher & Feix, 2009) e o protocolo NICHD (Lamb et al, 2007) são exemplos de protocolos de entrevista desenvolvidos para aplicação com crianças. O protocolo NICHD apresenta características muito semelhantes a uma Entrevista Cognitiva, a qual é composta por cinco etapas (*Rapport*, *Recriação do Contexto Original*, *Narrativa Livre*, *Questionamento* e *Fechamento*), no entanto, o primeiro define formulações específicas relacionadas a memória episódica, o que permite um aumento da efetividade para a coleta de informações acuradas durante a entrevista (Williams et al, 2014). No entanto, no cenário brasileiro, apesar da intensa discussão quanto a boas práticas para uma escuta especializada em entrevistas investigativas com crianças, tais protocolos são pouco utilizados e ainda são necessárias diretrizes mais específicas para que a qualificação dos profissionais da área garanta uma escuta especializada e evite que as crianças sejam novamente vítimas de violência (Aznar-Blefari et al., 2020).

A construção e o constante aprimoramento desses protocolos têm como base os resultados de diversos estudos que investigaram variáveis que podem interferir na precisão ou imprecisão de relatos verbais de crianças em contexto de entrevista como, por exemplo, o uso de pistas não-verbais (tom de voz, gestos e expressões faciais) e repetição de perguntas (Earhart et al., 2014); as suposições e os preconceitos dos investigadores sobre o caso e a exposição à

sugestionabilidade e informações falsas em entrevistas anteriores (Ceci et al., 2007); os tipos de perguntas (Lamb & Fauchier, 2001) e o gênero do entrevistador (Foster et al., 2018).

Brown e Lamb (2017) revisaram estudos que investigaram como crianças respondem a vários tipos de perguntas e entre os principais resultados dos estudos revisados identificou-se que crianças de três a quatro anos respondem mais precisamente a perguntas que especificam as informações (“O quê?”; “Onde?”; “Quando?”), enquanto crianças maiores, de cinco a seis anos, respondem mais precisamente a questões abertas e amplas (Hershkowitz et al., 2012); crianças com deficiência intelectual, mesmo mais velhas, tendem a responder com maior acurácia quando são questionadas com perguntas abertas que sejam específicas (Brown et al., 2012). Identificou-se, ainda, que as respostas das crianças podem ser modificadas via reforçamento diferencial e por dicas não-verbais dos entrevistadores como tom de voz, gestos e expressões faciais (Ceci et al., 2007).

Adicionalmente, a partir da análise da transcrição de 54 entrevistas de casos em que foi comprovado, posteriormente, que os relatos das crianças foram distorcidos, Schreiber et al. (2006) apontaram que o uso de técnicas sugestivas (reforçamento, repetição de perguntas, informações de co-testemunhas, fomento à especulação e apresentação de novas informações) são capazes de influenciar na precisão das respostas das crianças às perguntas feitas pelo entrevistador.

De forma geral, os estudos que envolvem a investigação do relato de testemunhas com crianças utilizam, predominantemente, delineamentos de grupo (e.g., Brown et al., 2012; Foster et al., 2018; Hershkowitz et al., 2012). Dado que um indivíduo não se comporta sob determinadas circunstâncias, necessariamente, da mesma forma que outro, a condução de estudos nessa área, empregando delineamentos de sujeito único, faz-se relevante. Considerando que as pesquisas em Análise do Comportamento privilegiam a aplicação do delineamento de sujeito único, tal perspectiva tem o potencial de examinar o relato de testemunhas de forma

rigorosa como um fenômeno individual para que seja estabelecida uma análise de suas propriedades funcionais (Doepke et al., 2003). Assim, novos estudos sobre a temática, a partir dessa perspectiva teórica, poderiam trazer contribuições significativas ao campo da ciência do testemunho.

Sob a perspectiva comportamental, o relato verbal pode ser descrito como um operante verbal que possui as características de tato. As respostas verbais de tato são controladas por estímulos discriminativos não verbais e são mantidas por reforço generalizado, estabelecendo-se, dessa forma, uma relação de correspondência entre a topografia da resposta e o estímulo antecedente (Skinner, 1957). Um relato verbal é definido como preciso/acurado quando este está sob controle apenas do estímulo discriminativo antecedente, sem a influência de variáveis motivacionais.

A área que abrange estudos de investigação de variáveis que podem afetar a acurácia do relato verbal tem sido chamada de “Correspondência Fazer-Dizer” ou “Correspondência Não verbal/Verbal” (Perez, 2017). Estudos realizados, até o momento, identificaram algumas variáveis que podem favorecer a emissão de relatos correspondentes como diferentes tipos de treino de correspondência (Balog et al., 2019; Cortez et al., 2013; Cortez et al., 2017; Domeniconi et al., 2014), a probabilidade de checagem (Medeiros et al., 2013), a presença de diferentes audiências (Brino & de Rose, 2006; Cortez et al., 2019; Cortez et al., 2022; Donaris & Cortez, 2020) e, também, variáveis que podem diminuir a emissão de relatos correspondentes como, por exemplo, o contexto de grupo (Oliveira et al., 2016; Ribeiro, 1989), a dificuldade da tarefa (Cortez et al., 2013; Domeniconi et al., 2014), a natureza da tarefa (Cortez et al., 2014), contingências de competição (Mazzoca & Cortez, 2019), entre outras.

Em relação, mais especificamente, ao estudo do relato de testemunhas empregando delineamentos de sujeito único sob uma perspectiva comportamental, até o momento, foram identificados apenas três estudos (Doepke et al., 2003; Keenan et al., 2000; Sparling et al.,

2011). O estudo de Doepke et al. (2003), por exemplo, teve por objetivo examinar os efeitos de dois tipos de indução social - positiva e negativa - no relato de quatro crianças com desenvolvimento típico e cinco anos de idade. No procedimento empregado, as crianças eram expostas, uma por vez, a uma consulta médica simulada por uma pessoa confederada ao estudo e que ocorria na presença de um cuidador da criança. Em seguida, a criança era exposta, em uma outra sala, a uma entrevista com 40 questões sobre os eventos que aconteceram ao longo da consulta médica, na qual o entrevistador não tinha informações sobre o procedimento e foi instruído a não fornecer feedback. Antes da entrevista, a variável independente (tipo de indução social) era apresentada em um delineamento ABCB. A indução social era realizada pelos cuidadores das crianças e ocorria entre as etapas, longe do entrevistador e do médico confederado, seguindo um script entregue pelos experimentadores. Na condição A, nenhuma indução social era realizada, isto é, os cuidadores não emitiam qualquer comentário (positivo ou negativo) sobre a consulta médica. Na condição B, era realizada uma indução positiva, isto é, o cuidador da criança realizava avaliações positivas com relação ao atendimento médico (e.g. *“Eu gostei do jeito que o “médico” te examinou. Foi divertido, não foi? Acho que conheço ele. Ele é um bom rapaz.”*). Na condição C, por sua vez, era estabelecida uma indução negativa, em que o cuidador realizava avaliações negativas com relação à consulta médica (e.g. *“Eu não gostei da forma que ele te examinou. Você está bem? Acho que conheço ele. Ele é uma pessoa ruim.”*). Os resultados obtidos demonstraram que a indução negativa resultou em uma menor precisão nos relatos emitidos pelas crianças durante a entrevista em comparação com a indução positiva e a condição controle (sem indução).

Sparling et al. (2011), por sua vez, conduziram um estudo com dois experimentos. Em ambos, participaram três crianças com desenvolvimento típico e idades entre quatro e oito anos. As crianças eram solicitadas a assistir vídeos curtos (de três a cinco minutos) de desenhos animados e, em seguida, deveriam responder a perguntas do tipo “sim” ou “não” sobre os

eventos ocorridos nos vídeos. O experimento 1 investigou os efeitos de consequências reforçadoras (aprovação) e punitivas (desaprovação) contingentes às respostas das crianças na entrevista sobre a precisão do relato. O procedimento consistiu em quatro condições experimentais (controle; reforço para resposta imprecisa; punição para resposta precisa e condição de reforço mais punição, na qual era estabelecido reforço para as respostas imprecisas e punição para as respostas precisas) arranjadas em um delineamento de tratamentos alternados. Na condição controle, todas as consequências sociais estabelecidas eram de reforçamento, as quais foram definidas pela aprovação da resposta emitida pela criança (i.e., dizer “*Bom!*” e sorrir após a emissão da resposta). Na condição de reforço para resposta imprecisa, as respostas imprecisas recebiam a consequência social reforçadora e as respostas imprecisas eram seguidas por uma consequência neutra pelo entrevistador (i.e., dizer “*Ok.*” seguido por um aceno rápido com a cabeça após a resposta da criança). A condição de punição para resposta precisa consistia em desaprovar as respostas precisas emitidas pela criança (i.e., dizer “*Não está certo.*” e demonstrar uma expressão séria após a emissão de resposta da criança) e apresentar a consequência neutra diante das respostas imprecisas. Por fim, na condição de reforço mais punição, as respostas precisas eram punidas e as respostas imprecisas eram reforçadas. Os resultados demonstraram que a condição de reforço mais punição produziu uma maior porcentagem de respostas imprecisas para todas as crianças quando comparadas às demais condições.

O experimento 2 de Sparling et al. (2011), por sua vez, teve como objetivo investigar o efeito de diferentes técnicas de entrevista sobre a precisão do relato de crianças, empregando um delineamento de reversão. Assim como no experimento 1, as crianças deveriam assistir aos vídeos e, em seguida, deveriam responder a perguntas do tipo “sim” ou “não”, de acordo com a técnica de entrevista em vigor. Na condição A, as crianças eram entrevistadas utilizando-se perguntas sugestivas, isto é, perguntas caracterizadas por introduzirem informações falsas aos

eventos ocorridos nos vídeos (e.g. “O chapéu do personagem X caiu?”, quando o chapéu não tinha caído durante o vídeo). Na condição B, eram utilizadas perguntas contendo informações de co-testemunhas, ou seja, as perguntas eram acompanhadas de informações falsas declaradas por outras testemunhas (inventadas) que também teriam assistido aos mesmos vídeos (e.g. “Me contaram que o chapéu do personagem X caiu. Isso é verdade?”), quando o chapéu não tinha caído durante o vídeo). A condição C, repetição de perguntas, consistia em repetir cada pergunta três vezes sobre determinado evento que realmente ocorreu no vídeo (e.g. “O chapéu do personagem X caiu?”, quando o chapéu do personagem X tivesse realmente caído). Nas condições A e B, foram realizadas oito perguntas para dois dos participantes (de 4 e 8 anos), e para o participante de cinco anos, foram realizadas 14 perguntas. Nas condições C e de linha de base, foram realizadas 20 perguntas para o participante de cinco anos e 12 perguntas para os outros dois participantes (de 4 e 8 anos).

Os resultados demonstraram que todos os participantes apresentaram respostas imprecisas diante de todas as técnicas de entrevista empregadas. No entanto, observou-se variabilidade entre os participantes com relação ao tipo de técnica que produziu os maiores índices de relatos imprecisos. O participante mais novo (4 anos) apresentou 81% de respostas imprecisas na condição de perguntas sugestivas e 69% nas perguntas com informações de co-testemunhas. O participante de cinco anos apresentou 52% e 49% de respostas imprecisas nas condições de perguntas com informações de co-testemunhas e perguntas sugestivas, respectivamente. Por fim, a participante mais velha (8 anos) apresentou 87% de relatos imprecisos durante a técnica de repetição de perguntas, 25% diante da técnica de informações de co-testemunhas e 20% quando foram empregadas as perguntas sugestivas.

Dessa forma, a técnica de entrevista empregada mostrou-se como uma variável que pode influenciar a precisão dos relatos de forma que as respostas das crianças podem ser mais ou menos sensíveis às técnicas utilizadas, demonstrando a importância de se realizarem

pesquisas empregando delineamentos de sujeito único. Apesar de apresentar evidências com relação ao tipo de técnica de entrevista utilizada, o trabalho de Sparling *et al.* (2011) apresentou algumas limitações de controle experimental como a diferença de idade entre os participantes, o número reduzido de participantes, a exposição dos mesmos participantes a dois experimentos semelhantes, a diferença no número de perguntas aplicadas para cada criança e a forma de implementação do delineamento de reversão (e.g., a ordem de apresentação das condições experimentais foi a mesma para todos os participantes; o número de exposição a cada tipo de condição variou entre os participantes; cada condição consistiu, de forma geral, na apresentação de um número fixo de sessões, independentemente de a criança ter atingido ou não um critério de estabilidade), o que justificaria, dessa forma, a necessidade de replicação do estudo.

Desta forma, considerando-se: 1) a necessidade de estudos com crianças como testemunhas oculares para subsidiar a construção ou atualização de procedimentos baseados em evidências para a obtenção de relatos precisos; 2) a relevância de se investigar empiricamente os efeitos variáveis das diferentes técnicas de entrevista sobre a precisão do relato; 3) as vantagens de se utilizar delineamento de sujeito único visto que cada indivíduo se comporta de forma diferente; 4) o reduzido número de estudos sobre a temática sob perspectiva comportamental; e 5) as lacunas metodológicas identificadas no estudo de Sparling *et al.* (2011), o presente estudo replicou e estendeu, com maior controle experimental, o experimento 2 de Sparling *et al.* (2011), buscando investigar os efeitos de diferentes tipos de entrevista (perguntas sugestivas, perguntas repetidas e perguntas com informações de co-testemunhas) na precisão de relato de crianças por meio de um delineamento de sujeito único.

Método

Participantes

Participaram do estudo quatro crianças com desenvolvimento típico, duas meninas (P1 e P2), ambas com oito anos de idade, e dois meninos (P3 e P4), com sete e nove anos, respectivamente, que foram recrutadas diretamente com os responsáveis (critério de conveniência). Além disso, a pesquisadora do presente estudo participou da coleta, atuando como entrevistadora durante as sessões experimentais. O estudo foi iniciado apenas após aprovação pelo comitê de ética¹ e obtenção da assinatura dos responsáveis legais no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e dos participantes no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Situação Experimental, Local e Materiais

A coleta de dados foi realizada em formato remoto por meio de uma plataforma online de videoconferência (*Google meet*) que permitiu a transmissão da tela (áudio e vídeo) pela experimentadora para a criança participante. O processo ocorreu em um ambiente em que tanto a criança como a experimentadora estivessem sozinhos(as) em um cômodo do local que residiam, o qual deveria estar equipado com um computador ou laptop com capacidade de reprodução de áudio/vídeo, câmera de vídeo e uma cadeira.

Como estímulos, foram utilizados vídeos com áudio, exibidos pelo computador, compostos por trechos de episódios de desenhos animados (Bob Esponja; Tom e Jerry; Turma da Mônica; Irmão do Jorel, etc.) com duração de três a seis minutos, selecionados em plataformas de vídeo na internet e compostos por uma cena com início, meio e fim. Os vídeos foram editados de modo a terem duração máxima de seis minutos e eram iniciados com uma

¹ Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).CAAE: 59887822.0.0000.5504

tela branca seguida de uma contagem regressiva de 5 a 1. Após o término da contagem regressiva, o trecho de desenho animado era exibido. Ao final, uma tela branca era exibida. Os vídeos eram apresentados à criança por meio da transmissão de tela durante a videoconferência. Para a realização da entrevista, foram utilizados roteiros de perguntas (correspondentes à condição experimental em vigor) registradas em um documento online e adaptadas de Sparling et al. (2011). A experimentadora realizava as perguntas em voz alta e registrava as respostas da criança (sim ou não). Cada entrevista era composta por 10 perguntas pré-definidas de acordo com cada condição experimental (linha de base, perguntas sugestivas, perguntas repetidas e perguntas com informações de co-testemunhas) sobre os acontecimentos do vídeo assistido (ver exemplo de roteiro para cada condição no ANEXO 1). As sessões foram gravadas por meio da ferramenta de gravação da videoconferência disponibilizada pela plataforma online utilizada para que fosse possível a realização de acordo entre observadores.

Variáveis Dependentes e Variáveis Independentes

A variável dependente do presente estudo foi a acurácia das respostas das crianças para cada pergunta realizada durante as entrevistas. As perguntas exigiam uma resposta “*sim*” ou “*não*”. As respostas acuradas foram definidas como correspondentes aos acontecimentos/eventos apresentados nos vídeos. Respostas inacuradas foram definidas, por sua vez, como aquelas não correspondentes aos acontecimentos/eventos apresentados no vídeo. Por exemplo, se em algum momento do desenho animado o personagem X comia um doce, então, diante da pergunta “O personagem X comeu um doce?”, uma resposta “*sim*” da criança, era considerada correspondente e, portanto, acurada. Já uma resposta “*não*”, era considerada não correspondente ao ocorrido no desenho animado, portanto, inacurada. As respostas diferentes de “*sim*” ou “*não*” foram excluídas da análise.

As variáveis independentes do estudo foram as técnicas de entrevista aplicadas durante as sessões. Todos os participantes foram expostos a três diferentes tipos de técnicas de

entrevista, as quais foram caracterizadas pelo uso de 1) perguntas sugestivas, 2) perguntas repetidas e 3) perguntas com informações de co-testemunhas. As perguntas sugestivas (1) foram caracterizadas pela introdução de informações falsas sobre os eventos observados incluindo, na formulação da pergunta, situações que não ocorreram ou objetos que não estavam presentes no evento original. As perguntas repetidas (2) consistiram na repetição da pergunta logo após a primeira resposta dada pelo participante para a mesma pergunta, independente da acurácia da resposta. Nessa condição, cada pergunta foi apresentada duas vezes (primeira apresentação e segunda apresentação, logo após a resposta do participante à primeira apresentação). As perguntas com informações de co-testemunhas (3) consistiram em dizer à criança o que uma outra testemunha (inventada) contou ou observou sobre determinado evento e então, questioná-la se ela concordava com a declaração dessa testemunha.

Delineamento Experimental

Um delineamento de linha de base múltipla não concorrente entre participantes (Watson & Workman, 1981) combinado com um delineamento de tratamentos alternados adaptado (Sindelar et al., 1985). O delineamento de linha de base múltipla não concorrente entre participantes utiliza a aplicação das variáveis independentes sequencialmente em diferentes momentos para cada participante do estudo, o que ocorre somente após o participante atingir o critério de estabilidade definido para a condição controle. Durante as condições experimentais de perguntas sugestivas, repetidas e com informações de co-testemunhas, foi aplicado o delineamento de tratamentos alternados, em que as sessões de cada condição experimental foram apresentadas alternadamente aos participantes a fim de comparar os efeitos das variáveis independentes. A ordem de apresentação de cada condição experimental ao longo das sessões era randomizada.

Procedimento

Inicialmente, a experimentadora realizava uma videoconferência individual com cada criança, na qual apresentava as instruções gerais sobre as atividades experimentais. As crianças eram orientadas a se sentarem em uma cadeira, diante de um computador com câmera de vídeo e capacidade de reprodução de áudio. Em seguida, a experimentadora apresentava a seguinte instrução: "Você vai assistir a um vídeo enquanto estarei fora da sala, quando eu retornar, irei te fazer algumas perguntas sobre o vídeo que você irá assistir. Então, por favor, assista com atenção". Na sequência, era iniciada a transmissão de um vídeo (a tela da experimentadora era compartilhada com a criança por meio da plataforma online em que a videoconferência estava ocorrendo) e a experimentadora deixava o ambiente no qual estava, de modo que a criança conseguia visualizar sua saída pela porta e o ambiente sem a presença de qualquer pessoa.

Assim que o vídeo era finalizado, a experimentadora retornava para o ambiente, se sentava diante do computador e apresentava a seguinte instrução: "Eu vou te fazer algumas perguntas sobre o vídeo que você acabou de assistir, por favor, responda 'sim' ou 'não' e faça o melhor que puder!". Em sequência, a entrevistadora dava início à leitura das questões, uma a uma, em voz alta. O tempo máximo para a emissão de uma resposta (sim ou não) era de 10 segundos. Após a emissão de qualquer resposta, a entrevistadora apresentava uma consequência social neutra (e.g., "ok", "vamos para a próxima pergunta", etc) em todas as condições experimentais.

Os vídeos foram selecionados aleatoriamente e apresentados em uma mesma ordem, a cada sessão, a todos os participantes de modo a não repetir um vídeo para uma mesma criança. Cada vídeo era introduzido por uma tela branca, seguida pela apresentação de uma contagem regressiva de cinco segundos (com os números apresentados na tela) para que a experimentadora conseguisse realizar o trajeto de saída do ambiente antes do trecho de desenho animado se iniciar. Após a exibição do vídeo, uma segunda tela branca era apresentada para

indicar a finalização da transmissão e o retorno da experimentadora. Durante as entrevistas, foram utilizados roteiros com 10 perguntas sobre os eventos apresentados ao longo de cada vídeo assistido. Os roteiros de perguntas variavam de acordo com cada condição experimental, de modo a utilizar apenas um tipo de pergunta em cada sessão. Os vídeos foram apresentados na mesma sequência para todas as crianças ao longo das sessões, entretanto, as condições experimentais (tipos de entrevista) eram randomizadas de acordo com a descrição do delineamento experimental.

Os participantes foram expostos às seguintes condições experimentais:

Linha de Base. Essa condição teve como objetivo avaliar a porcentagem de respostas acuradas das crianças em uma situação de entrevista com perguntas fechadas (respostas do tipo "sim" ou "não") e sem a utilização de nenhuma das técnicas de entrevista empregadas no presente estudo (perguntas sugestivas, repetidas e com informações de co-testemunhas). Após a criança assistir a um dado vídeo, a experimentadora realizava uma sequência de 10 perguntas sobre eventos que estavam, de fato, presentes no vídeo assistido, para as quais a criança deveria responder “*sim*” ou “*não*” (e.g., “*O personagem X encontrou um cachorro?*” – quando o personagem tivesse realmente encontrado um cachorro). O tempo máximo para emissão da resposta (“*sim*” ou “*não*”) era de 10 segundos e, independentemente de sua acurácia, a experimentadora apresentava uma consequência social neutra (e.g., “ok”, “vamos para a próxima pergunta”, etc). Foram realizadas, no mínimo, três sessões para essa condição experimental de acordo com o critério de estabilidade adotado, isto é, mínimo de três sessões consecutivas com variação máxima de 20% de respostas acuradas entre sessões.

Perguntas Repetidas. Essa condição avaliou os efeitos do uso da técnica de entrevista de perguntas repetidas na porcentagem de respostas acuradas emitidas pelas crianças a fim de observar se, ao ser questionada novamente sobre a mesma questão, a criança emitiria ou não uma resposta diferente da anterior. A pergunta era repetida uma vez, em tom de dúvida, logo

após a primeira resposta dada pelo participante a mesma pergunta. A condição era semelhante à linha de base, isto é, a entrevistadora realizava 10 perguntas fechadas sobre eventos ocorridos, de fato, no vídeo. No entanto, após a emissão de uma resposta pela criança diante de uma dada pergunta, a experimentadora, imediatamente em seguida, repetia a mesma pergunta, independentemente da acurácia da primeira resposta apresentada pela criança. A resposta registrada foi a emitida após a segunda apresentação da pergunta. Foram realizadas, no mínimo, três sessões e a condição era encerrada quando o critério de estabilidade (i.e., variação máxima, para mais ou para menos, de 20% de relatos acurados entre as duas últimas sessões da condição) tinha sido atingido.

Perguntas Sugestivas. Essa condição avaliou os efeitos do uso de perguntas sugestivas, isto é, com introdução, na formulação da pergunta, de informações falsas sobre os eventos observados no vídeo, na porcentagem de respostas acuradas emitidas pela criança. Após o término do vídeo, a experimentadora dava início à entrevista, utilizando 10 perguntas sugestivas (e.g., “*O personagem X encontrou um cachorro?*” - quando o personagem não tivesse encontrado nenhum cachorro em nenhum momento do vídeo). O tempo para emissão das respostas pelas crianças, as consequências para relatos acurados ou não acurados e os critérios para encerramento da condição foram os mesmos descritos na condição de perguntas repetidas.

Informação de Co-testemunhas. Essa condição teve por objetivo avaliar os efeitos de perguntas que apresentavam, em sua formulação, informações de co-testemunhas sobre a porcentagem de respostas acuradas emitidas pelas crianças. Nesse caso, era realizada a inserção, na formulação da pergunta, do relato de uma outra testemunha (inventada) sobre determinado evento do vídeo. Assim como nas demais condições, a entrevistadora realizou 10 perguntas sobre o vídeo anteriormente assistido, no entanto, nessa condição, as perguntas eram sempre iniciadas com frases como “*Alguém me contou que...*”, “*Uma criança me disse...*”,

etc. Um exemplo de pergunta dessa condição poderia ser “*Alguém me contou que o personagem X encontrou um cachorro, é verdade?*” - quando o personagem não tivesse encontrado um cachorro em nenhum momento do vídeo. Os parâmetros e o critério de estabilidade para encerramento da condição foram os mesmos descritos na condição de perguntas repetidas.

Acordo entre Observadores, Integridade do Tratamento e Análise das Variáveis Independentes entre Juízes

Antes do início da coleta de dados, os roteiros de perguntas a serem utilizados durante as sessões passaram por uma análise entre juízes independentes para a validação das perguntas realizadas em função do tipo técnica de entrevista. Uma amostra de 30% dos roteiros elaborados foi avaliada por dois juízes independentes que avaliaram as perguntas de um dado roteiro como correspondentes à definição operacional apresentadas no presente estudo, isto é, às características de cada tipo de técnica de entrevista definidas no presente estudo. Obteve-se 100% de acordo pelos dois juízes dos roteiros analisados.

Para realizar a análise do acordo entre observadores, aproximadamente 60% das respostas emitidas pelas crianças (sim ou não) após cada pergunta foram registradas tanto pela entrevistadora que estava aplicando as perguntas como também por um segundo observador que fez o registro da acurácia das respostas das crianças por meio da gravação da entrevista. Para calcular a porcentagem de concordância, foi dividido o número de acordos pelo número de acordos mais desacordos entre os observadores, por fim, o resultado foi multiplicado por 100. O resultado desse cálculo que corresponde à porcentagem de acordo entre os observadores foi de 99% de concordância entre os registros feitos.

A integridade dos tratamentos do estudo, ou seja, aplicação correta das variáveis independentes (técnicas de entrevista) pela entrevistadora ao realizar as perguntas durante cada

condição experimental também foi avaliada por um segundo observador, que analisou 60% das perguntas realizadas às crianças. Para obter a porcentagem de integridade dos tratamentos foi dividido o número total de perguntas realizadas corretamente de acordo com o segundo observador pelo número total de perguntas com respostas validadas pela amostra. O resultado obtido foi de 100% de integridade com relação à aplicação das variáveis independentes.

Resultados

A Figura 1 apresenta os resultados dos participantes em porcentagem de respostas acuradas emitidas ao longo de todas as condições experimentais: linha de base e os três tipos de entrevista: Perguntas Repetidas (PR); Perguntas Sugestivas (PS) e Perguntas com informações de co-testemunhas (PC). Cada marcador presente na figura indica uma sessão realizada com o participante.

Nas sessões de linha de base, todos os participantes apresentaram altos índices de respostas acuradas, com porcentagens variando entre 80% (P3) e 100%. Com relação aos tipos de entrevista empregados, as porcentagens de respostas acuradas obtidas variaram conforme o tipo de entrevista para cada participante. Nas sessões de perguntas repetidas (PR), foram registrados altos níveis de respostas acuradas (90% a 100%) para os participantes P1, P2 e P4. O participante P3, por outro lado, apresentou o menor índice de acurácia quando exposto a esse tipo de pergunta. Os padrões de resposta de P3 variaram, consideravelmente, ao longo das sessões realizadas com perguntas repetidas, apresentando entre 40% e 80% de relatos acurados. Em sua primeira sessão de perguntas repetidas, P3 apresentou 80% de respostas acuradas, no entanto, na segunda sessão dessa condição, seu índice diminuiu para 40% de respostas acuradas. Nas últimas duas sessões de repetição de perguntas, P3 apresentou 70% e 80%, respectivamente, alcançando o critério de estabilidade.

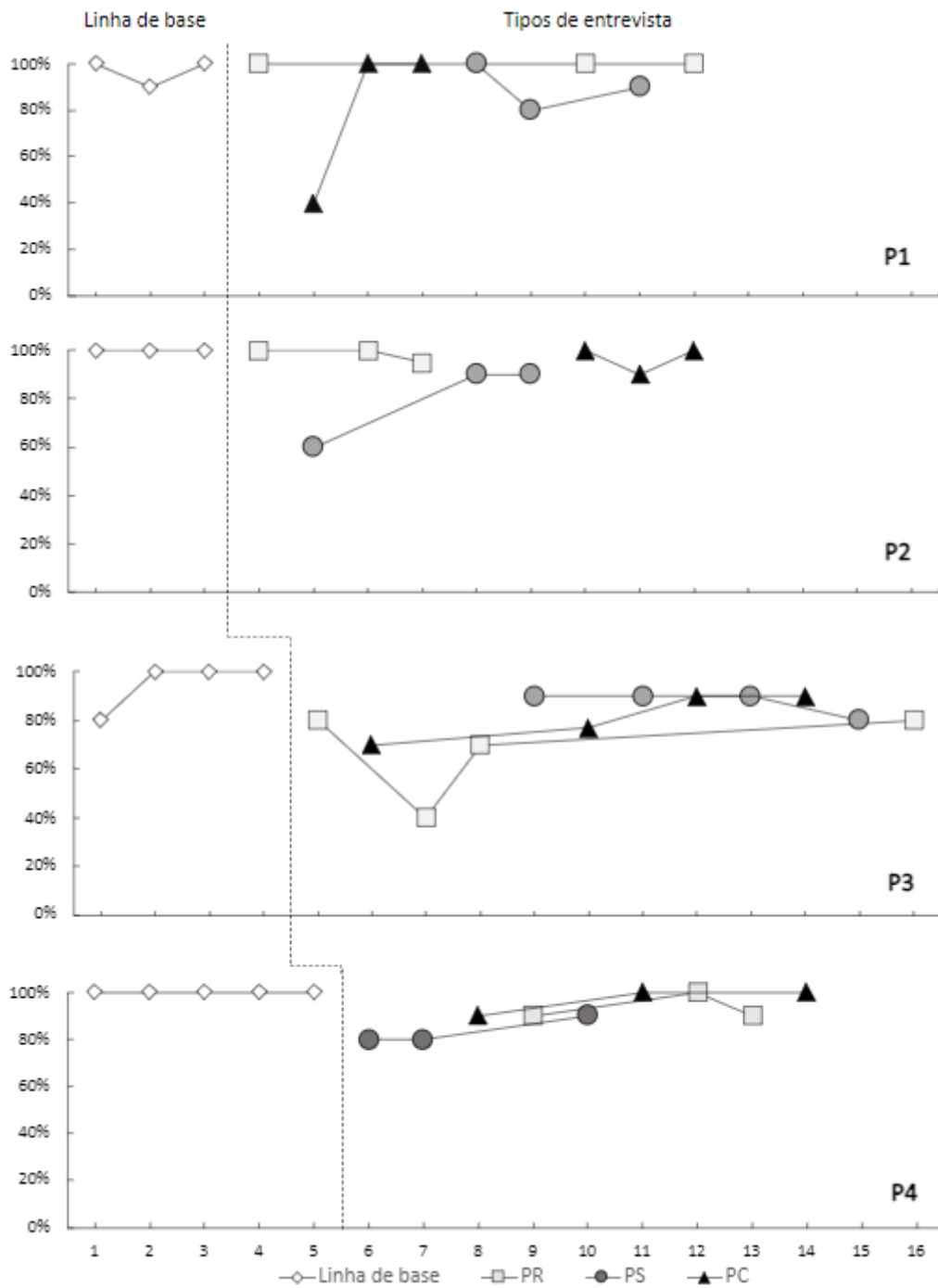


Figura 1. Porcentagem de respostas acuradas ao longo das condições experimentais.

Com relação às perguntas sugestivas (PS), as porcentagens de respostas acuradas foram altas para os participantes P1, P3 e P4 (80% a 100%). O participante P2, por sua vez, apresentou variação do padrão de acurácia de respostas ao longo das sessões dessa condição (60% a 90%). Em sua primeira sessão de entrevista com perguntas sugestivas, P2 apresentou 60% de respostas acuradas e nas duas sessões seguintes esse índice aumentou e se manteve em 90%, atendendo ao critério de estabilidade definido.

Na condição experimental com informações de co-testemunhas (PC), os participantes P2 e P4 apresentaram altos níveis de respostas acuradas (90 a 100%), enquanto os participantes P1 e P3 obtiveram índices mais baixos e com maior variação entre sessões (40% a 100%). Com relação ao participante P1, em sua primeira sessão da condição PC, sua porcentagem de respostas acuradas foi de 40% e nas duas sessões seguintes foi 100%, registrando a maior variação entre sessões do estudo e atingindo o critério de estabilidade. No caso de P3, na primeira e segunda sessão desse tipo de entrevista, o participante emitiu, respectivamente, 70 e 77% de respostas acuradas, e nas duas últimas sessões emitiu 90% de respostas acuradas.

De modo geral, tem-se que os efeitos dos tipos de perguntas utilizados no presente estudo variaram para cada participante. P1, P2 e P3 demonstraram maiores variações nas porcentagens de respostas acuradas em diferentes condições experimentais. Os menores índices de acurácia (40%, 60% e 40%), foram observados, respectivamente, em P1 diante das perguntas com informações de co-testemunhas; em P2 nas perguntas sugestivas e em P3 nas perguntas repetidas. O participante P4 obteve as menores variações entre sessões e manteve-se apresentando altos índices de respostas acuradas em todas as condições experimentais (80% a 100%).

Discussão

O presente estudo pretendeu avaliar os efeitos de diferentes tipos de entrevista na acurácia de relato verbal de crianças, empregando um delineamento de sujeito único. De forma geral, apesar de todos os participantes terem apresentado altos níveis de respostas acuradas durante a maioria das sessões realizadas, alguns dos resultados demonstraram efeitos moderados e transitórios de determinados tipos de perguntas sobre a acurácia do relato dos participantes, evidenciando que os tipos de pergunta podem influenciar, diferencialmente, a depender do indivíduo.

Para o participante P1, por exemplo, observou-se um efeito transitório das perguntas com informações de co-testemunhas (PC), uma vez que na primeira sessão dessa condição apresentou 40% de respostas acuradas e, nas duas sessões subsequentes, a acurácia das respostas aumentou para 100%. Para P2 também foi observado um efeito transitório, porém isso ocorreu na condição de perguntas sugestivas; na primeira sessão, P2 emitiu 60% de respostas acuradas e, nas sessões seguintes, a acurácia retornou aos altos índices apresentados durante a linha de base (90% de acurácia). Para P3, o efeito transitório foi observado tanto na condição de perguntas repetidas, tendo o participante apresentado 40% de respostas acuradas durante a segunda dessa condição e porcentagens entre 70% e 80% nas duas sessões seguintes, quanto na condição de perguntas com informações de co-testemunhas, apresentando 70% e 77% de respostas acuradas na primeira e segunda sessão da condição, respectivamente, e 90% nas duas últimas sessões dessa condição. Por fim, para P4 observou-se um efeito transitório menos acentuado que os demais participantes, apresentando 80% de respostas acuradas apenas nas duas primeiras sessões da condição de perguntas sugestivas e, em sequência, emitindo 90% de respostas acuradas na terceira sessão desse tipo de pergunta.

O segundo experimento de Sparling et al. (2011), o qual foi estendido e adaptado pelo presente estudo, utilizou um delineamento de reversão para investigar o efeito de diferentes técnicas de entrevista e os resultados obtidos demonstraram que todos os participantes tiveram altos níveis de respostas inaccuradas, o que difere dos resultados obtidos no presente estudo. Por outro lado, assim como observado no presente estudo, o tipo de pergunta que produziu maior ou menor efeito na acurácia de respostas também variou entre os participantes. O participante de quatro anos, por exemplo, registrou uma média de 81% de respostas imprecisas nas perguntas sugestivas; o de cinco anos registrou 52% em perguntas com informações de testemunhas e 49% em perguntas sugestivas e o participante de oito anos apresentou, em média, 87% de respostas inaccuradas nas perguntas repetidas.

Diante desses resultados, pode-se concluir que tanto o estudo de Sparling et al. (2011) como o atual estudo foram caracterizados por resultados variáveis entre os participantes submetidos ao procedimento, ou seja, cada participante pode ser mais ou menos sensível a determinado tipo de entrevista. No entanto, os índices de respostas inaccuradas no primeiro estudo foram muito maiores em comparação ao presente estudo, o que pode se relacionar com algumas diferenças nos procedimentos adotados como, por exemplo, o delineamento experimental utilizado, a utilização de roteiros com 10 perguntas de apenas um tipo de entrevista a cada condição experimental, a idade dos participantes e a coleta de dados em formato remoto.

Com relação a outros estudos que envolvem a investigação da precisão de relatos de crianças, pode-se destacar o estudo de Schreiber et al. (2006), que analisou entrevistas realizadas com crianças vítimas de abuso sexual, nas quais as crianças respondiam de forma menos precisa conforme o uso de técnicas sugestivas pelo entrevistador. Ademais, a idade das crianças também demonstrava ser um fator que as fazia relatar de forma inaccurada a depender

do tipo de pergunta durante as entrevistas investigativas pela revisão de Brown e Lamb (2015). Por fim, cabe destacar que apesar das correlações com o objetivo do presente estudo, os estudos analisados e aplicados utilizaram delineamentos de grupo predominantemente (e.g., Brown et al., 2012; Hershkowitz et al., 2012).

Portanto, tais fatores como a utilização de um delineamento de sujeito único, a limitação de um único tipo de pergunta nos roteiros a cada condição experimental e aplicação do procedimento de forma remota podem ter contribuído para as diferenças nos resultados em comparação com os estudos realizados anteriormente. Com relação à aplicação do estudo em formato remoto, cabe a discussão sobre o efeito da audiência no ambiente virtual, uma vez que Cortez et al. (2022) evidenciou que a presença de um adulto como audiência no mesmo ambiente pode interferir nos relatos acurados de crianças. Apesar de a experimentadora sair da sala sob visão dos participantes, é possível que o formato de videochamada gravada possa ter exercido um controle similar à presença de uma audiência. Sendo assim, alguns problemas de controle experimental como o efeito da audiência pela utilização de videochamadas durante a aplicação das entrevistas; a possibilidade das crianças acharem que estavam sendo monitoradas durante a apresentação dos vídeos; a possível inferência acerca do tipo de resposta que tinham que emitir (“sim” ou “não”) conforme a condição experimental; a utilização de estímulos pouco relacionados com entrevistas investigativas e as diferentes frequências de aplicação das sessões a cada participante podem ser considerados limitações do presente estudo.

Em recomendação para o avanço da linha de pesquisa na área, sugere-se a utilização de estudos com delineamento de sujeito único, com um maior número de participantes de diferentes idades; a aplicação do procedimento presencialmente, considerando o efeito da audiência; a utilização de roteiros de perguntas que busquem minimizar a inferências de respostas e a apresentação de outros tipos de estímulos que possibilitem maior relação com o

ambiente de entrevistas investigativas, buscando minimizar as questões de controle experimental e ampliando as pesquisas aplicadas com crianças como testemunhas oculares.

Por fim, o presente trabalho representa o primeiro estudo brasileiro que empregou, nessa temática, o delineamento de sujeito único. Os resultados, mesmo limitados a uma amostra pequena e a condições de coleta muito específicas, podem trazer contribuições para a literatura que investiga variáveis que possam afetar a acurácia do relato de crianças, em contexto de testemunhas oculares ou escuta especializada, fomentando pesquisas futuras.

Referências

- Aznar-Blefari, C., Schaefer, L. S., Pelisoli, C. da L., & Habigzang, L. F. (2020). Atuação de Psicólogos em Alegações de Violência Sexual: Boas Práticas nas Entrevistas de Crianças e Adolescentes. *Psico-USF*, 25(4), 625–635. <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250403>
- Balog, L. C., Cortez, M. D., Domeniconi, C., & de Rose, J. C. (2019). Eficácia do treino de correspondência na aquisição de autorrelatos acurados de acertos e erros em tarefa de leitura. 27, 299–313.
- Brino, A. L. F., de Rose, J. C. (2006). Correspondência entre auto-relatos e desempenhos acadêmicos antecedentes em crianças com história de fracasso escolar. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2, 67-77. doi: <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v2i1.803>, 67–77
- Brown, D. A., & Lamb, M. E. (2015). Can Children Be Useful Witnesses? It Depends How They Are Questioned. *Child Development Perspectives*, 9(4), 250–255. <https://doi.org/10.1111/cdep.12142>

- Brown, D. A., Lewis, C. N., Lamb, M. E., & Stephens, E. (2012). The influences of delay and severity of intellectual disability on event memory in children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 80*(5), 829–841. <https://doi.org/10.1037/a0029388>
- Bruck, M., Ceci, S. J., & Hembrooke, H. (1998). Reliability and credibility of young children's reports. *American Psychologist, 53*(2), 136–151. <http://eds.a.ebscohost.com.ezp.waldenulibrary.org/eds/pdfviewer/pdfviewer?sid=65805e08-7404-4160-a0de-68862ff2085d%40sessionmgr4005&vid=0&hid=4113>
- Ceci, S. J., Kulkofsky, S., Klemfuss, J. Z., Sweeney, C. D., & Bruck, M. (2007). Unwarranted assumptions about children's testimonial accuracy. *Annual Review of Clinical Psychology, 3*, 311–328. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091354>
- Cortez, M., Mazzoca, R., Donaris, D. et al. (2022). Audience Control over Children's Honest Reports. *Analysis Verbal Behav 38, 139–156* (2022). <https://doi.org/10.1007/s40616-022-00169-6>
- Cortez, M. D., Miguel, C. F., & de Rose, J. C. (2019). O Papel de diferentes audiências na acurácia do relato verbal de crianças. [The role of different audiences on children's verbal report accuracy.]. *Acta Comportamentalia, 27*(3), 389–405.
- Cortez, M. D., Miguel, C. F., & de Rose, J. C. (2017). Efeitos de diferentes tipos de treino de correspondência na manutenção de autorrelatos correspondentes de crianças. *Acta Comportamentalia: Revista Latina De Análisis Del Comportamiento, 25*(4).
- Cortez, M. D., Rose, J. C. De, & Miguel, C. F. (2014). *The Role of Correspondence Training on Children's Self-Report Accuracy across Tasks. 1989*. <https://doi.org/10.1007/s40732-014-0061-8>
- Cortez, M. D., Rose, J. C. de, & Montagnoli, T. A. S. (2013). Treino e manutenção de correspondência em autorrelatos de crianças com e sem história de fracasso escolar. *Acta Comportamentalia, 21*(2), 139-157. Recuperado em 23 de maio de 2023, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452013000200001&lng=pt&tlng=pt.

- Davis, D. and Loftus, E.F. (2018). Eyewitness Science in the 21st Century. In Stevens' Handbook of Experimental Psychology and Cognitive Neuroscience, J.T. Wixted (Ed.). <https://doi.org/10.1002/9781119170174.epcn116>
- de Rose, J. (1997). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: Contribuições conceituais e experimentais. In R.A. Banaco (Org.). *Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cogni*, 148–163.
- Doepke, K. J., Henderson, A. L., & Critchfield, T. S. (2003). Social Antecedents of Children'S Eyewitness Testimony: a Single-Subject Experimental Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(4), 459–463. <https://doi.org/10.1901/jaba.2003.36-459>
- Domeniconi, C., Rose, J. C. De, & Perez, W. F. (2014). *Effects of Correspondence Training on Self-Reports of Errors During a Reading Task*. 381–391. <https://doi.org/10.1007/s40732-014-0009-z>
- Donaris, D. & Cortez, M. (2020). Efeitos do monitoramento sobre a correspondência fazer-dizer em crianças em uma atividade acadêmica. (Dissertação de Mestrado não publicada) Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP. In *Journal of Chemical Information and Modeling*.
- Earhart, B., La Rooy, D. J., Sonja P. Brubacher, S. P. and Lamb, M. E. (2014). An Examination of “Don’t Know” Responses in Forensic Interviews with Children. *Behavioral sciences & the law*, 28(2), 211–223. <https://doi.org/10.1002/bsl>
- Hershkowitz, I., Lamb, M. E., Orbach, Y., Katz, C., & Horowitz, D. (2012). The Development of Communicative and Narrative Skills Among Preschoolers: Lessons From Forensic

- Interviews About Child Abuse. *Child Development*, 83(2), 611–622.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01704.x>
- Keenan, M., McGlinchey, A., Fairhurst, C., & Dillenburger, K. (2000). Accuracy of Disclosure and Contextual Control in Child Abuse: Developing Procedures within the Stimulus Equivalence Paradigm. *Behavior and Social Issues*, 10(1), 1–17.
<https://doi.org/10.5210/bsi.v10i0.131>
- Lamb, M. E., & Fauchier, A. (2001). The effects of question type on self-contradictions by children in the course of forensic interviews. *Applied Cognitive Psychology*, 15(5), 483–491. doi:10.1002/acp.726
- Lamb, M. E., Orbach, Y., Hershkowitz, I., Esplin, P. W., & Horowitz, D. (2007). A structured forensic interview protocol improves the quality and informativeness of investigative interviews with children: A review of research using the NICHD investigative interview protocol. *Child Abuse & Neglect*, 31(11), 1201-1231. doi: 10.1016/j.chiabu.2007.03.021.
- Mazzoca, R. H., & Cortez, M. D. (2019). O papel de contingências de competição no autorrelato de crianças sobre seus desempenhos em um jogo computadorizado. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 21(4), 432–450.
- Medeiros, C. A., Oliveira, J. D. A., & Da Silva, C. D. O. (2013). Correspondência Verbal em Situação Lúdica: efeito da probabilidade de checagem. *Fragmentos de Cultura*, 23(4), 563. <https://doi.org/10.18224/frag.v23i4.2987>
- Oliveira, M. A. De, Cortez, M. D., & Rose, J. De. (2016). Efeitos do Contexto de Grupo no Autorrelato de Crianças sobre seus Desempenhos em um Jogo Computadorizado *
Effects of Group Context in Children ' s Self-report on their Performance in a
Computerized Game Efecto del Contexto de Grupo en el Autorelato de N. 07, 70–85.

- Perone, M. (1991). Experimental design in the analysis of free-operant behavior. In *Techniques in the behavioral and neural sciences*. (p. 135–168).
- Sampaio, A. A. S., De Azevedo, F. H. B., Cardoso, L. R. D., De Lima, C., Pereira, M. B. R., & Andery, M. A. P. A. (2008). Uma introdução aos delineamentos experimentais de sujeito único. *Interação em Psicologia*, *12*(1), 151–164. <https://doi.org/10.5380/psi.v12i1.9537>
- Schreiber, N., Bellah, L. D., Martinez, Y., McLaurin, K. A., Strok, R., Garven, S., & Wood, J. M. (2006). Suggestive interviewing in the McMartin Preschool and Kelly Michaels daycare abuse cases: A case study. In *Social Influence* (Vol. 1, Número 1). <https://doi.org/10.1080/15534510500361739>
- Sindelar, P. T., Rosenburg, M. S., & Wilson, R. J. (1985). An adapted alternating treatments design for instructional research. Education and Treatment of Children. *Encyclopedia of Special Education*, *8*(1), 67–76. <https://doi.org/10.1002/9781118660584.es0816>
- Sparling, J., Wilder, D. A., Kondash, J., Boyle, M., & Compton, M. (2011). Effects of Interviewer Behavior on Accuracy of Children'S Responses. *Journal of Applied Behavior Analysis*, *44*(3), 587–592. <https://doi.org/10.1901/jaba.2011.44-587>
- Stein, L. M., & Avila, G. N. (2018). Entrevistas forenses e reconhecimento pessoal nos processos de criminalização: um diagnóstico brasileiro. *Boletim de análise político-institucional*, *Dezembro*(17).
- Stein, L. M., Pergher, G. K., & Feix, L. da F. (2009). *Desafios da oitiva de crianças e adolescentes: Técnica de entrevista investigativa*. 48.
- Stein, L. M., & Memon, A. (2006). Testing the efficacy of the cognitive interview in a developing country. *Applied Cognitive Psychology*, *20*(5), 597–605. <https://doi.org/10.1002/acp.1211>

- Watson, P., & Workman, E. (1981). The non-concurrent multiple baseline across-individuals design: An extension of the traditional multiple baseline design. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 12(3), 257-259.
- Williams, L. C. de A., Hackbarth, C., Blefari, C. A., Padilha, M. da G. S., & Peixoto, C. E. (2014). Investigação de suspeita de abuso sexual infantojuvenil: o Protocolo NICHHD. *Temas em Psicologia*, 22(2), 415-432. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-12>
- Wyatt, W. J. (2007). A behavior analytic look at contemporary issues in the assessment of child sexual abuse. *The Behavior Analyst Today*, 8(2), 145–162. <https://doi.org/10.1037/h0100609>

ANEXO 1 – EXEMPLO DE ROTEIROS DE PERGUNTAS PARA CADA CONDIÇÃO

EXPERIMENTAL

As perguntas formuladas para cada roteiro referem-se a um trecho de um desenho animado que cujo vídeo pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=wRnoM2RVapY>

Roteiro Linha de Base

1. O irmãozinho do Jorel estava tentando comer areia?
(S) (N)
2. A mãe ofereceu banana para ele?
(S) (N)
3. O Jorel estava soltando uma pipa?
(S) (N)
4. A pipa era amarela e azul?
(S) (N)
5. O irmãozinho do Jorel gostou muito das botas amarelas?
(S) (N)
6. O irmãozinho do Jorel colocou as botas?
(S) (N)
7. Um homem vestido de sapo entrega sorvete para as crianças?
(S) (N)
8. O irmão do Jorel coloca o sorvete na areia?
(S) (N)
9. O irmão do Jorel e a Lara pegam o carrinho de sorvete para brincar?
(S) (N)
10. O irmão do Jorel e a Lara encontram um caranguejo?
(S) (N)

Roteiro Perguntas Sugestivas

1. O irmãozinho do Jorel estava tentando comer chocolate na praia?
(S) (N)
2. A mãe ofereceu maçã para ele?
(S) (N)
3. O Jorel estava surfando na água?
(S) (N)
4. A prancha era vermelha?
(S) (N)
5. O irmãozinho do Jorel gostou muito dos chinelos azuis?
(S) (N)
6. O irmãozinho do Jorel colocou os chinelos?
(S) (N)
7. Um homem vestido de canguru entrega sorvete para as crianças?
(S) (N)
8. O irmão do Jorel coloca o chocolate na areia?
(S) (N)
9. O irmão do Jorel e a Lara pegam a prancha para brincar?
(S) (N)
10. O irmão do Jorel e a Lara encontram um golfinho?
(S) (N)

Roteiro Perguntas Repetidas

1. O irmãozinho do Jorel estava tentando comer areia?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
2. A mãe ofereceu banana para ele?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
3. O Jorel estava soltando uma pipa?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
4. A pipa era amarela e azul?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
5. O irmãozinho do Jorel gostou muito das botas amarelas?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
6. O irmãozinho do Jorel colocou as botas?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
7. Um homem vestido de sapo entrega sorvete para as crianças?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
8. O irmão do Jorel coloca o sorvete na areia?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
9. O irmão do Jorel e a Lara pegam o carrinho de sorvete para brincar?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)
10. O irmão do Jorel e a Lara encontram um caranguejo?
1ª Resposta: (S) (N) 2ª Resposta: (S) (N)

Informação de Co-testemunhas

1. Uma pessoa me contou que nesse desenho, o irmãozinho do Jorel estava tentando comer chocolate na praia, isso é verdade?
(S) (N)
2. Uma menina da sua idade disse que a mãe ofereceu maçã para ele, é verdade?
(S) (N)
3. Um rapaz me disse que nesse vídeo, Jorel estava surfando na água, foi isso mesmo?
(S) (N)
4. Algumas crianças me disseram que a prancha era vermelha, você concorda?
(S) (N)
5. Alguém me contou que o irmãozinho do Jorel gostou muito dos chinelos azuis, era isso mesmo?
(S) (N)
6. Ouvi dizer que o irmãozinho do Jorel colocou os chinelos, isso é verdade?
(S) (N)
7. Minha amiga me disse que um homem vestido de canguru entrega sorvete para as crianças, isso aconteceu?
(S) (N)
8. Me contaram que o irmão do Jorel coloca o chocolate na areia, isso aconteceu no vídeo?
(S) (N)
9. Um amigo me disse que o irmão do Jorel e a Lara pegam a prancha para brincar. Isso realmente aconteceu?
(S) (N)
10. Fiquei sabendo que o irmão do Jorel e a Lara encontraram um golfinho. Você concorda?
(S) (N)